

# Taxas de juros foram o principal entrave às operações com Eximbank

por George Vidor  
do Rio

Se o Eximbank quiser realmente financiar a venda de produtos norte-americanos para empresas brasileiras, terá de alterar as regras de cálculo de sua taxa de juros, caso contrário os importadores continuariam temerosos em usar esses créditos. Anteontem, o presidente do Eximbank, William H. Draper III, disse ao presidente da FIESP, Luis Eulalio de Bueno Vidal Filho, que permanece aberta a linha de financiamento de US\$ 1,5 bilhão, criada pelo Eximbank em 1983, no auge da crise cambial brasileira, da qual até hoje somente foram contratados US\$ 150 milhões.

Esta linha de crédito de US\$ 1,5 bilhão surgiu mais por pressão das autoridades brasileiras do que por iniciativa do Eximbank. Na época, o Brasil estava com quase US\$ 2 bilhões de compromissos financeiros e comerciais em atraso no exterior e o então presidente do Banco Central (BC), Carlos Geraldo Langoni, afirmava que os recursos eram fundamentais para preencher o "pacote" de renegociação da dívida externa do País, que acabava de ser acertado com os banqueiros internacionais.

Tamanho era o interesse das autoridades brasileiras pela linha de crédito do Eximbank, que o BC se dispôs a pagar a vista a comissão ("fee") do banco norte-americano, que iria desempenhar a função de agente principal do financiamento. Em caso de pagamento parcelado, as despesas de comissão sairiam por pouco mais de US\$ 4 milhões e, a vista, ficariam na faixa de US\$ 3 milhões. Acabou prevalecendo esta última hipótese.

O banco agente da linha de crédito (Chase Manhat-

tan Bank) acreditava que, no máximo, seriam usados US\$ 900 milhões do total de US\$ 1,5 bilhão. Se isto chegassem a acontecer, o banco teria prejuízo de imediato, porque as despesas operacionais iriam superar o valor da comissão, mas as operações que viriam em decorrência do uso da linha de crédito compensariam a perda inicial.

Os exportadores norte-americanos ficaram entusiasmados com o crédito do Eximbank, mas os importadores não gostaram nada ao verificar que o custo do empréstimo era subdividido em diversos itens. Ninguém quis arriscar-se e, apesar de toda a divulgação feita pelas autoridades brasileiras, os contratos não passaram dos US\$ 150 milhões já mencionados.

Decorridos praticamente dos anos daquele episódio, a conclusão é que o custo dos empréstimos do Eximbank (embora subdivididos) se igualou ao dos créditos comerciais de curto prazo do projeto III (ou C) do acordo para renegociação da dívida externa brasileira. Só que a taxa de juros dos créditos comerciais é única, fácil de calcular e transparente para importadores brasileiros. Como os bancos estão com recursos de sobra no projeto III, ou C (consta que um dos problemas surgidos com uma agência de um banco brasileiro, em Nova York, foi exatamente porque realizou duas operações de crédito para financiar uma mesma transação comercial, pois já não havia mais exportações e importações suficientes para todo o dinheiro disponível), será difícil que as linhas do Eximbank venham a ser agora usadas, mantidas as mesmas regras de cálculo do custo do empréstimo.